Ano XIV — Lisboa, Junho de 1958 — N.º 158

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. de Vitorino de Freitas, 9 LISBOA — 3
TELEFONES: Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O MELHOR

Quando nas actividades dos Lobitos ouvimos gritar «O Melhor!», apetece-nos propor que o lema do Lobitismo seja o primeiro moto de todos os membros do Movimento, ainda mesmo daqueles que não iniciam a vida escoteira por aquela primeira Divisão do Escotismo. Porque, de facto, o rapaz que voluntàriamente abraça — e só voluntàriamente o pode fazer — os ideais do Escotismo, afirma iniludìvelmente a firme disposição de tudo realizar pelo Melhor. *O Melhor Possível* é o sentido de todo o seu esforço e o expoente da sua vontade. O êxito da sua vida afere-se pelo nível de eficiência que atinge a sua actividade, seja ela escoteira, social, profissional ou mesmo religiosa.

Quer isto dizer que o Escoteiro se compromete a dar todo o esforço para que seja executado *o melhor possível* tudo que possa depender da sua acção, da sua vontade, da sua influência. Por isso, já alguém afirmou que o Escotismo é inimigo da mediocridade, incompatível com os *águas mornas*, com os indiferentes, com os tíbios.

O bom Escoteiro terá de ser bom Português, profissional competente, crente sincero, filho exemplar, estudante aplicado, homem de uma só palavra. Na vida, o Escoteiro segue sempre o Melhor Caminho, não hesita entre a Virtude e o Vício, entre o Dever e o Interesse, a Generosidade e o Egoísmo. Em todos os dilemas que se lhe possam propor, esforça-se sempre por escolher o Melhor, e o Melhor será tudo aquilo que estiver à altura dos ideais expressos na Promessa.

Não será desacertado se, num breve exame de consciência, averiguarmos sinceramente qual é a actual posição da nossa vida. Que estamos realizando? Qual o nível da nossa acção escoteira? Como estamos a desempenhar os nossos deveres? Que lugar tem na nossa vida de cada dia a Lei do Escoteiro? Em que medida estamos servindo a Deus, a Pátria e o Próximo? Poderemos fazer melhor?

A resposta que a nossa consciência der a estas interrogações marcará o nível da nossa estatura escoteira e dar-nos-á a noção da fidelidade com que estamos a corresponder à Promessa que solenemente prestámos, quer sejamos jovens escoteiros, quer Homens antigos escoteiros. Mas, seja qual for o resultado desse exame, só uma atitude nos é possível, a única atitude permitida a um verdadeiro Escoteiro: De hoje para o futuro procuraremos fazer Melhor.

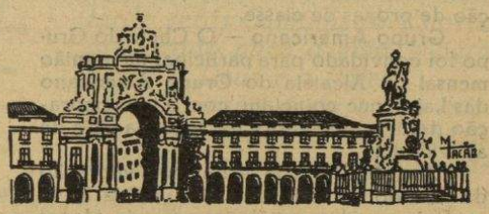
Ateneu Comercial de Lisboa

Esta prestigiosa instituição, que à causa da Educação tem prestado os mais relevantes serviços, está comemorando o 78.º aniversário da sua fundação, com um brilhante programa de actividades, em que cooperam as secções desportivas, classes de ginástica, escola comercial e seu orfeão, núcleo campista, numa demonstração viva do seu progresso e desenvolvimento.

«Sempre Pronto» saúda e felicita os Corpos Gerentes do Ateneu pelo aniversário, recordando com reconhecimento os altos serviços que esta útil Colectividade tem prestado ao Escotismo Nacional desde a fundação deste.

GENERAL AFONSO BOTELHO

Este nosso estimado assinante, antigo director do grupo de Escoteiros de Portugal em Torres Novas, assumiu o alto cargo de Presidente da Comissão Central da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, motivo por que lhe apresentamos as nossas felicitações.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

III Aniversário do Grupo n.º 8

O Grupo n.º 8, «Pedro Álvares Cabral», comemorou no Domingo, dia 18 de Maio, o III aniversário da sua fundação, tendo promovido um serviço religioso de acção de graças que se realizou na Igreja da rua Febo Moniz, onde o mesmo grupo pertence.

O culto foi presidido pelo Pastor Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, tendo tomado parte na liturgia os chefes Idílio Gonçalves, António Pereirinha Pinto e a Chefe Guia Maria Hermínia Pinto.

Nesta ocasião, prestaram promessa dois novos aspirantes, João Armando Fernandes da Silva e Jorge Augusto Gaspar, a quem o chefe dirigiu palavras de exortação. Ao Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos foi entregue a medalha de agradecimento, classe prata, galardão que lhe foi concedido pela Associação dos Escoteiros de Portugal, por proposta do chefe do grupo n.º 8, em reconhecimento dos relevantes serviços prestados ao Escotismo, não só pelo carinho e patrocínio dispensados ao Grupo n.º 8, mas também pelo interesse pelo Movimento, pois dois filhos do homenageado foram escoteiros do primeiro grupo.

A mensagem foi proferida pelo Pastor Rev. João Soares de Carvalho, que pôs em evidência os fundamentos cristãos do Escotismo, apreciou os seus métodos educativos inspirados pelas doutrinas de Jesus Cristo, e referiu-se à Lei do Escoteiro orientada pelo princípio do Bem, que afirma que o Escoteiro é verdadeiro, é puro, é leal, é generoso, abandonando o princípio do Mal regido pelas leis negativas do «não faças».

À tarde, na sede, realizou-se uma festa íntima, com a cooperação da Companhia de Guias «Filipa de Vilhena». Prestaram promessa duas novas guias, as meninas Marina Rodrigues Fernandes e Ana Maria Rodrigues Fernandes, bem como a menina Maria Helena Gamboa, que assumiu o cargo de Aquelá da Alcateia do Grupo. Após este acto, o chefe Idílio Gonçalves tomou o Compromisso da nova Aquelá, mediante o qual ela prometeu interessar-se constantemente pelos Lobitos da sua Alcateia, procurando fazer todo o possível para que eles venham a ser bons escoteiros, bons servos de Deus e bons cidadãos.

Na sede, foram inaugurados os retratos de Baden-Powell e do Pastor e presidente do Grupo Rev. Carlos Augusto de Vascon-

(Conclui na 2.ª página)

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroismo

Exercícios de D. C. T. — Em Janeiro passado, o Chefe Moniz Silva e os Caminheiros L. Tavares e F. Borges foram convocados para fazer parte duma equipa de salvamento.

Semana do Escoteiro Americano — O Chefe do Grupo foi convidado para participar nesta reunião anual dos escoteiros e lobitos do Grupo Americano das Lajes.

Patrulha Galo — Esta patrulha, na companhia dos Caminheiros J. Goulart e M. Gomes, fez um extenso passeio de exploração, em 16 de Março, que incluiu a Lagoa do Ginjal e as Furnas do Enxofre.

Bivaques — O grupo bivacou nos dias 9 de Fevereiro e 9 de Março, para prestação de provas de classe.

Grupo Americano — O Chefe do Grupo foi convidado para participar na reunião mensal da Alcateia do Grupo Americano das Lajes, que coincidiu com a comemoração do 5.º aniversário, na segunda fase de actividades.

Dia de S. Jorge — Em comemoração do Dia do Escoteiro, o Chefe Moniz Silva proferiu uma breve palestra aos microfones do Rádio Clube de Angra, que foi seguida do disco da canção oficial do Jambori do Jubileu.

Na sede do Grupo, efectuou-se uma reunião especial tendo o Chefe do Grupo dirigido a palavra aos escoteiros.

Homenagem a um Escoteiro-Chefe Americano — O Chefe Fritz Pfingsten, dirigente escoteiro do Grupo Americano das Lajes, que regressou ao seu país por ter terminado o tempo de serviço, foi homenageado no dia 4 de Maio passado, pelo Grupo n.º 52, tendo-lhe sido entregue a Medalha de Agradecimento, que a Direcção dos Escoteiros de Portugal lhe conferiu, por proposta do Chefe Moniz Silva, em reconhecimento do alto espírito de cooperação e fraternidade de que deu constantes provas nas contínuas relações que manteve com os escoteiros portugueses.

Ao acto assistiram escoteiros e dirigentes do 52, dos grupos do C. N. E. da Terceira, bem como do grupo americano. O Chefe Moniz Silva historiou as relações com os escoteiros americanos do estacionamento da Base Aérea n.º 4 e fez o elogio do homenageado, que sempre procurou pôr em prática os princípios de fraternidade do Escotismo e sempre diligenciou cooperar com o Chefe do 52, no sentido de um melhor entendimento entre portugueses e americanos. O Chefe Moniz Silva fez depois um resumo, em inglês, do seu discurso.

O Chefe Pfingsten, comovido, agradeceu a homenagem que lhe foi prestada, dizendo que não tinha feito mais do que corresponder aos porfiados esforços do Chefe Moniz Silva para uma boa cooperação luso-americana, embora esse desiderato estivesse no seu coração. Afirmou ainda que o Escotismo é o único ideal capaz de conseguir o bom entendimento, a paz e a fraternidade entre os homens, seja qual for o seu país, credo ou cor.

A reunião terminou com a Canção do Adeus e a simbólica cadeia escotista, seguida dos hinos nacionais português e americano. — *C.*

• • o • •

Francisco do Nascimento Pina

Esteve em Lisboa, em meados de Maio passado, acompanhado de sua esposa, sendo-nos dado o prazer de o abraçar, o nosso estimado amigo Sr. Francisco do Nascimento Pina, nosso solícito correspondente em Olhão, e Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 6 daquela vila.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Venezuela

Segundo um artigo publicado no jornal *Venezuela Gráfico*, os Escoteiros prestaram relevantes serviços por ocasião do movimento revolucionário que ali eclodiu em 23 de Janeiro passado. No momento em que o entusiasmo popular estava perturbando a normalidade da vida pública, alguém lembrou-se de solicitar a cooperação dos Escoteiros para auxiliar a restabelecer o respeito pela lei. Assim, de 23 a 27 de Janeiro, os Escoteiros tomaram a seu cargo a tremenda tarefa de dirigir o trânsito, não só em Caracas como em outras cidades, tendo o povo aceite a orientação dos rapazes. Escoteiros, não tendo mais de 16 anos de idade, dirigiram calmamente a enorme multidão que transitava pelas ruas de Caracas.

Cada escoteiro tomou o encargo de 8 horas de serviço diário, mas muitos chegaram a prestar serviço durante 16 e 18 horas sem descanso.

No dia 24, uma multidão excitada invadiu a Praça Aérea de El Silêncio. Cinquenta soldados não puderam conter a onda humana sedenta de sangue. No momento de confusão, o Chefe Eugénio Pfister, comissário executivo, chegou com uma patrulha de cinco escoteiros e dirigiu algumas palavras de conselho à multidão, tendo-se retirado depois de encarregar três escoteiros de conservar a ordem. Milhares de cidadãos, respeitosamente, conservaram-se calmos.

Acampamento Nacional de Israel

A Federação dos Escoteiros e das Guias de Israel comemorará o 10.º aniversário do estabelecimento do Estado de Israel efectuando um Acampamento Nacional de 28 de Julho a 1 de Agosto do presente ano.

Espera-se que participarão neste Acampamento 6.000 escoteiros, de 13 a 16 anos de idade. Serão convidados a participar neste Acampamento representantes de países estrangeiros.

O local escolhido é o histórico Monte Carmel, a cerca de 3 milhas de Haifa.

Jambori Mundial de 1959

O Conselho Executivo Nacional dos Escoteiros das Filipinas aprovou a realização, nas Filipinas, do 10.º Jambori Mundial, que se realizará no Parque Nacional Makiling, na Província de Laguna, de 17 a 26 de Julho de 1959. O campo será estabelecido perto do Colégio da Agricultura, cerca de 65 km. ao sul da cidade de Manila. O local está situado a 300 m. do nível do mar, é acessível por boas estradas, tem boa temperatura e clima e é rodeado de bosques.

• • o • •

ANTÓNIO VIEIRA

Em 17 de Maio passado, faleceu o sr. António Vieira, Administrador e Editor do nosso colega «Ecos de Belém».

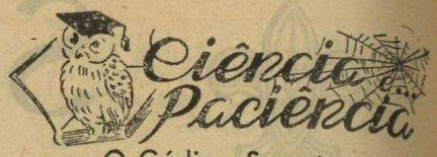
A todos os que trabalham naquele semanário, particularmente ao seu Director-Interino, sr. Custódio Baptista Vieira, filho do saudoso falecido, «Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências.

* ● *

José Relvas Pereira

Este nosso estimado amigo, Caminheiro do Grupo n.º 10, que esteve na Índia Portuguesa em serviço militar, regressou em Maio passado a Lisboa, tendo sido licenciado.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» apresentam as boas vindas a este camarada e manifestam a sua alegria pelo seu regresso.



O Código Secreto

A patrulha «Lobo» quis comprar uma tenda, tendo-se dirigido a uma casa da especialidade. Porém, o comerciante, sabendo que os compradores eram escoteiros, para experimentar a sua sagacidade deu-lhes o preço por letras: K V C F, K K H F e K F R F.

O preço da primeira tenda, a mais cara, custa 1.280 escudos. Sabe-se também que a diferença de preço entre a primeira e a segunda tenda é a mesma que entre a segunda e a terceira. Com a ajuda destes dados e das suas inteligentes deduções, os escoteiros tinham de descobrir o preço da tenda mais barata, aquela que lhes interessava.

Podem os nossos leitores ajudar a resolver o problema?

* * *

Solução do Problema do último número

30 m. e 25 m. O comprimento mais a largura mediram 110 : 2 = 55 m. Diminuindo o comprimento de 1 metro, se diminui duma vez a largura. Aumentando a largura de 1 metro, aumenta-se a superfície duma vez o comprimento, menos 1 metro pois que o comprimento foi reduzido de um metro. A diferença entre o comprimento e a largura é então de 4 + 1 = 5. Basta tirar 5 de 55 e dividir por dois para ter a largura ou seja 25 m. — Juntamos 5 m. e teremos o comprimento.

Acertaram na solução os nossos estimados leitores srs.:

José Cordeiro Teixeira, Coimbra, 5 pontos.

José Manuel de Jesus Fernandes, Vila Real de St.º António, 5 pontos.

O nosso estimado leitor sr. José Alberto Figueira Guerreiro, Faro, marcou 1 ponto.

• • o • •

CAMPANHA CENTENÁRIO DE BADEN-POWELL

NOVOS ASSINANTES

Encerra no fim deste mês de Junho esta Campanha de Novas Assinaturas. Por falta de espaço não indicamos os assinantes últimamente entrados, o que faremos no próximo mês. Até ao dia 30 todas as assinaturas registadas contarão para o Concurso.

No fim do mês de Julho proceder-se-á ao Sorteio da Viagem a Madrid e à distribuição dos prémios que ainda não foram entregues.

O ESCOTISMO NA CAPITAL

(Continuação da página 1)

celos. Acerca do primeiro, teceu rápidos apontamentos biográficos o Director do «Sempre Pronto». O Chefe do Grupo justificou as homenagens prestadas ao Rev. Vasconcelos, manifestação de reconhecimento dos escoteiros pela muita estima e interesse que o Pastor lhes dedica.

O retrato de B. P. é um interessante desenho do Sr. João Marques Gomes Jr., oferecido ao Grupo, trabalho pelo qual o Autor foi muito felicitado.

A festa, que terminou com um programa de canções que os Escoteiros dedicaram aos seus convidados e um agradável chá, foi presidida pelo Rev. Vasconcelos, ladeado pelos srs. Ladislau Pinheiro representando o Consistório da Igreja; chefe D. Júlia Ribeiro, o director do «Sempre Pronto» e o chefe Rodrigues da Silva, pela A. E. P.

Região Centro

Em prosseguimento do programa de actividades desta Região, realizou-se no Domingo, dia 24 de Maio passado, uma visita de 50 escoteiros de Lisboa a dois submarinos da nossa Armada, estacionados na base do Alfeite.

NA ROCHA DO CONSELHO

O teu caminho



Ainda não és lobito, mas muito brevemente entrarás na selva misteriosa e começarás a aprender os seus segredos. Quando iniciares a marcha através dos caminhos da Selva, já serás um lobito.

Assim como os filhos dos lobos nascem com os olhos fechados e, a pouco e pouco, os vão abrindo, o mesmo acontecerá contigo. Durante as tuas provas de «pata tenra» estarás com eles fechados, no fim da «primeira estrela» abrirás um olho e no final da «segunda estrela» abrirás o outro.

Então com os dois olhos bem abertos terás oportunidade de aprender «especialidades», que farão de ti um lobito útil ao próximo.

E assim como Mowgli desceu à aldeia dos homens também um dia descerás para que sejas um Escoteiro.

Juntamente com os teus companheiros percorrerás montes e vales e aprenderás a estar «Sempre Pronto». Um dia, mais tarde, serás Caminheiro. Estarás preparado para a vida e para servir a Deus e a Pátria.

E durante toda a tua existência farás o «Melhor Possível» por estar «Sempre Pronto» para «Servir».

PENA RIBEIRO

História do Reizinho Vaidoso

POR MARIANA SARAGOÇA

Num país distante, vivia um rei que era muito, muito vaidoso. Morava num palácio todo de cristal e de pedras preciosas. Saía sempre num carro de ouro puxado por cavalos muito brancos. E o rei nunca olhava para ninguém. Nunca, naquele reino, tinham visto um sorriso a brilhar no rosto do jovem reizinho.

Sempre a sombra do orgulho e da vaidade encobriam aquelas feições correctas e escondiam-lhe toda a beleza.

Os que viviam naquele país, andavam desgostosos porque não viam o seu rei sorrir, nunca o viam alegre, nem despojado daqueles riquíssimos fatos de pedrarias preciosas.

Eles não sabiam que era a vaidade a causa daquela tristeza permanente e pensavam que talvez o seu rei estivesse doente. Consultaram os melhores médicos, mas sem resultado. O rei nascera triste...

Um dia, ia ele no seu carro de ouro, que brilhava com a luz do sol, e no olhar a eterna tristeza que o perseguia.

Todos o aclamavam, todos lhe sorriam, mas o rei permanecia triste, olhava vagamente para todos, com um olhar de desdém, e dizia para si:

— Sou muito belo! Não há no meu país um homem mais belo do que eu. Pode lá haver, rosto como este, faces tão brancas e tão rosadas!!

O povo continuava a aclamá-lo, mas em vão. Ele não sorria!

Tirou do bolso do casaco um espelho todo enfeitado a pérolas raras e olhou-se deixando de ver a multidão que o aclamava.

— É impossível que exista em todo o mundo um ser como eu, é impossível!

O povo, entristecido, começava a pensar que o seu rei enlouquecera. Porque se olhava ao espelho e não olhava para eles que tanto o amavam?

Foi então que passou junto da carruagem do rei um jovem que lhe sorriu inclinando-se para o saudar.

—O rei estremeceu. Viu nas faces do rapaz uma beleza superior à sua. Viu nos olhos que o fitavam um brilho que os seus estavam longe de possuir.

O seu primeiro impulso foi de o mandar matar, porque o rei vaidoso não queria que existisse no mundo um homem mais belo do que ele.

Fitou o pobre rapaz, levantou a voz para um vassalo e ordenou:

— Prendam-no, levem-no imediatamente para a prisão.

Todos olharam o rei admirados. Porquê aquela decisão para com o pobre rapaz, que era um cidadão tão honesto e cumpridor?

Mais uma prova de que o rei enlouquecera.

Terminado o passeio habitual, o rei regressou ao palácio.

Um servo lembrou-lhe o destino que desejava dar ao rapaz encarcerado.

— Matem-no! Matem-no!—Gritou o rei irado.

O servo recuou num gesto de temor, mas continuou:

— Matá-lo? Mas de que crime o acusais, senhor?

O rei então envergonhou-se. Realmente, porque matá-lo? Nunca poderia dizer a verdade aos seus vassalos.

Numa decisão brusca, saiu e foi ver o pobre rapaz.

Este saudou o rei logo que o viu entrar.

O rei mais se enfureceu, pois a beleza do jovem lhe pareceu ainda maior.

—Ouve rapaz, porque és assim tão belo? Porque há uma luz a iluminar o teu olhar, luz que o meu não possui? Diz-me, senão a morte espera-te.

No rosto do jovem desenhou-se um sorriso de perdão para com o pobre rei vaidoso.

— Senhor, dais-me então a liberdade se eu te ensinar o meu segredo?

— Prometo — respondeu o rei.

— Pois experimenta sorrir, num sorriso sem vaidade. Eis de onde me vem a beleza que me encontrais. Deixai esses fatos de ouro e pedrarias, vesti-vos com simplicidade e moderação. Cortai esses cabelos anelados, retirai tudo o que é inútil e o que é vão. Depois... tereis encontrado a beleza.

Foi-se o rei a cumprir o que o rapaz dissera.

Saiu, não no seu carro de ouro, mas caminhou a pé com passos decididos. Olhou para todos e tentou sorrir.

Por toda a parte, por onde passava, uma aclamação de espanto e de alegria.

— Como o nosso rei sorri!

— Como o nosso rei está belo!

— Viva o nosso rei! Viva o nosso rei!

(Conclui na página 6)

PÁGINA DO ESCOTEIRO

ESCOTEIRO:

Esta página é tua, meu caro Escoteiro. Aqui poderás escrever o que quiseres. Esperamos mesmo que tu nos irás mandar as tuas opiniões. Também nos poderás fazer perguntas. Nós faremos a diligência para responder. Poderás, de igual forma, dirigir-te aos teus camaradas. Se fores guia, poderás escrever a outros guias.

Esta página vai também inserir diverso material para as tuas actividades: jogos, exercícios, técnica, princípios àcerca da Promessa e da Lei.

Gostaríamos de saber o que pensas sobre esta iniciativa do «Sempre Pronto». Dá-nos as tuas sugestões. Diz-nos quais são os assuntos que mais gostarias de ver aqui tratados.

Ficamos aguardando as tuas notícias. Aceita votos de «Boa Caça» do teu amigo e camarada

LOBO VELHO



Insígnias de Aptidão

FOTÓGRAFO

Insígnia: *Uma máquina fotográfica sobre um tripé.*

1) Conhecer o funcionamento de uma máquina fotográfica.

2) Conhecer a acção dos reveladores e fixadores.

3) Apresentar um álbum com o mínimo de 12 fotografias diferentes, escolhidas, tiradas, reveladas, fixadas e impressas pelo candidato (3 interiores, 3 retratos, 3 paisagens, 3 instantâneos ou grupos em movimento). Pelo menos metade das fotografias apresentadas devem referir-se a assuntos escotistas.

4) Tirar uma fotografia com «flash».

5) Saber improvisar uma câmara escura.

Do P. O. R. do C. N. E.

JOGOS

Conselhos aos Jogadores

Normas de conduta: — O medo do adversário

Pelo professor de ginástica CRISÓSTOMO TEIXEIRA

É vulgar, principalmente nos jogadores que defrontam adversários mais idosos ou mais fortes, revelar-se este sentimento tão deprimente — o medo!

O receio do choque provoca, quase sempre, a inibição das melhores qualidades do jogador.

Assim, o medroso não tenta, muitas vezes, determinada jogada que poderia resultar, porque o pavor de se magoar o impede.

Ou acontece que, ao executar certo lance, o não faz com a devida oportunidade, energia ou habilidade, porque está já vencido por esse estúpido e inferior sentimento.

Ora, a maneira mais fácil de dominar este defeito será, evidentemente, não ligar senão a importância que o bom senso e a natural prudência aconselharem quando esse obstáculo aparecer pela frente.

Assim, é evitá-lo, hàbilmente, desviando-se do choque.

Quando não possuímos força suficiente para vencer determinado obstáculo, o caso, às vezes, pode ser resolvido com a inteligência, habilidade ou agilidade.

Precisamos de saber dominar bem, portanto, os nossos nervos e não perder, por isso, a cabeça.

E, aquilo que, na ocasião, pareceria invencível, é, afinal, com facilidade dominado.

Quando vocês tiverem receio de algum adversário, antes do choque, observem-no, primeiro, e estudem-no depois.

Ele há-de ter — como toda a gente — um lado fraco.

Aproveitem-no, quando as circunstâncias do jogo, assim o proporcionarem.

E, verão, com alegria e orgulho, que os fracos também podem muitas vezes vencer os fortes!...

Do «*Pim-Pam-Pum*»

A MENSAGEM SECRETA

Local — Pode ser disputado no campo, despertando mais interesse se for num pequeno bosque ou numa colina. Pode ser disputado na cidade, devendo a mensagem ser levada à sede. Quanto maior for o número de participantes, maior será o terreno utilizado.

Participantes — Várias patrulhas, um mínimo de duas ou três. O interesse do jogo será tanto maior, quanto maior for o número de participantes.

Tema — A Tribo dos «Águias Velozes» destacou espias para observar a tribo dos «Falcões Audazes» e tentar descobrir a fórmula de uma tinta misteriosa que permite obter tatuagens perfeitíssimas, que, resistindo à água e às lavagens, podem, no entanto, ser apagadas com a seiva de determinada planta. Os espias conseguiram obter a fórmula e a indicação da planta e tentam agora transmitir uma mensagem com todas essas indicações ao seu chefe, que se encontra no acampamento.

No entanto, os «Falcões Audazes» souberam que os «Águias Velozes» lhes roubaram esse segredo, e tentam agora prender o mensageiro e apoderar-se da «Mensagem Secreta».

Desenvolvimento do Jogo — A tribo dos «Águias Velozes» é constituída por uma ou mais pa-

(Conclui na 8.ª página)

PASSOU-SE HÁ MUITOS ANOS...

O Grupo n.º 3 regressava da sua colónia de férias. O transporte no Tejo era feito nesse tempo, estávamos em 1915, em barco à vela. Por falta de vento, os escoteiros tinham saído há seis horas de Coina e ainda não tinham chegado ao pontal de Cacilhas.

O arrais praguejava, berrava, porque não havia vento, porque a vela estava rota, porque o barco ia muito carregado.

Compreendendo a situação, um escoteiro alvitra: *Ponham os bornais às costas para aliviar o barco!*

N. da R. — *Escoteiros e Antigos Escoteiros: Mandem-nos as vossas recordações pitorescas! Os novos gostarão de as conhecer; os antigos de as recordar.*

BOLETIM DA

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

MAIO E JUNHO—1958

RUA DE S. PAULO, 254, 1.º — Telef. 21353 — LISBOA

SONHO OU REALIDADE?

O artigo com este título, publicado no número anterior do nosso Boletim, despertou interesse em muitos dos nossos companheiros que, através de variados meios, aplaudiram o seu conteúdo. Bem hajam pelas suas palavras.

Torna-se necessário efectuar o aparentemente impossível, transformar o SONHO em REALIDADE. Para tal, é necessário que apareça aquela colaboração que é a razão do êxito.

Belas palavras e belos sonhos só não chegam; é preciso algo mais. *Realidade, acção, existência. continuar* e *teimar*, essas são as palavras que necessitamos de saber dizer.

REALIDADE

Tivemos grande satisfação de ver que o nosso companheiro e amigo Dr. Eugénio Henrique Ramos veio tornar realidade uma boa parte das nossas pretensões: a ADVOCACIA.

Temos pois um companheiro que, espontâneamente, ofereceu os seus préstimos àqueles outros que, por carência de meios materiais, não possam recorrer a um advogado quando de tal necessitem.

Daqui estendemos a nossa mão, para, com um aperto franco, leal, à escoteira, dizer-lhe simplesmente:— OBRIGADO, Dr. Eugénio Ramos.

SONHO

Passaram pelas nossas fileiras tantos rapazes que, hoje homens, se encontram formados em medicina. Dois ou três transformariam mais um SONHO em REALIDADE. Onde estão eles? É certo que sabemos onde eles estão, mas não desejávamos pedir-lhes pessoalmente. Sim, não queremos vê-los forçados a anuir ao nosso pedido, contrariando talvez as suas possibilidades de tempo e constrangendo a sua vontade. Queremos, sim, que eles digam «estou aqui! contem comigo, ainda sou um SEMPRE PRONTO».

Em rapazes, eram o Pedro, o Jorge e o Paulo; hoje são senhores doutores, mas são ainda o Pedro, o Jorge e o Paulo. Lembrem-se que aqueloutro, o Rui, o que dormiu tantas vezes na mesma barraca com vocês e que até cedeu o pão ao Jorge, o garfo ao Paulo e a manta ao Pedro, quando estes se esqueceram destas coisas, sim, o Rui, esse não é médico nem é saudável e precisa do Pedro, do Jorge e do Paulo. Infelizmente na vida há muitos Ruis e para eles precisamos dos Pedros, dos Jorges e dos Paulos.

Será um SONHO ou REALIDADE?

Almoço de Confraternização

Como foi anunciado, levámos a efeito um almoço de confraternização, que se efectuou no refeitório da FNAT.

Tivemos a presença de 26 companheiros, número reduzidíssimo em relação às convocações feitas (cerca de 1.500), mas o pequeno número de participantes foi bem compensado com o ambiente de sã amizade que reinou entre todos os convivas.

Presidiu o companheiro Aníbal Ramos, presidente do Conselho Fiscal, ladeado por Eduardo Quintino Pinheiro, vice-presidente da Direcção, e Eduardo Ribeiro, director do jornal «Sempre Pronto», e ainda por Humberto Martins e Walter Westwood, ou sejam os escoteiros mais antigos ali presentes.

Viam-se ainda os companheiros srs. Ernesto Clímaco do Nascimento, António de Mira Calhau, José Dionísio dos Santos, Capitolino Ferreira Macedo, António Gonçalves, Almerindo Gonçalves Fernandes, Luís António dos Santos, José Joaquim Duarte Costa, Heitor Borges da Silva, João Madeira Leitão, Fausto Sacadura, Wolf Karl, Félix Bragança, João Henriques Pereira Soares, José Raposo Bicho, Camilo José Nogueira, Fernando d'Abreu Morais, António Couto Pinto, José Libório Trancoso, Jorge António dos Santos e Artur Ferreira do Carmo.

O vice-presidente, usando da palavra, saudou os presentes, dirigindo ainda saudações à Imprensa e à Rádio e ainda a todos os companheiros que tiveram a amabilidade de enviar os seus cumprimentos.

Aludindo às dificuldades que se deparam à realização de um proveitoso trabalho da Fraternal, disse que a principal é a falta de colaboração dos sócios. Afirmou que não entende a existência só para ter uma direcção, a qual, se disso se apercebesse, só tinha um caminho a seguir — a imediata demissão. Falou ainda de quanto se poderia levar a cabo, abordando a organização das «Noites dos Grupos». Disse também que urge levar avante a organização da Secção Campista, pois é mais que justificável a sua existência dentro da Fraternal. Discorreu sobre outras iniciativas em estudo rogando a todos os que possam ajudem a direcção a levar a Fraternal ao lugar a que tem jus. Terminou fazendo votos de que o Dr. Tovar de Lemos, presidente da direcção, tenha um pronto restabelecimento, tendo sido resolvido que um grupo de companheiros presentes lhe fossem apresentar cumprimentos.

Em seguida, usou da palavra o companheiro Eduardo Ribeiro, que falou sobre as actividades da Fraternal, dizendo que, embora lentamente, o que será preciso é fazer qualquer coisa, o que felizmente se estava verificando.

O companheiro Walter J. Westwood pronunciou sentidas palavras de recordação da infância do Escotismo e manifestou a satisfação de se viver em momentos como os que estavam passando no decorrer desse almoço. Por sua sugestão, foi guardado um minuto de silêncio em memória dos que partiram para o Eterno Acampamento.

O companheiro Carmo ofereceu a mais entusiástica adesão à ideia de se organizar a Secção Campista.

Por último, usou da palavra o presidente da mesa, Prof. Aníbal Ramos, que manifestou a sua confiança no futuro da Fraternal, rogando a todos que não deixem de dar a sua cooperação à direcção e que, pelo menos uma vez por outra, visitem a sede, mostrando assim que a direcção não está só. Terminou relembrando os seus tempos de chefe de escoteiro e manifestou a sua grande fé na obra para a Juventude que se chama ESCOTISMO.

Tiveram a gentileza de justificar a sua falta, enviando-nos felicitações que agradecemos, os seguin-

(Conclui na página seguinte)

DR. TOVAR DE LEMOS

Este nosso companheiro, presidente da direcção, encontra-se ainda em franca convalescença, a qual permite já, todavia, que na sua residência se tenham efectuado algumas reuniões da direcção.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

BIBLIOTECA

O apelo a favor de uma melhor qualidade de literatura para a nossa biblioteca, encontrou bom acolhimento da parte de alguns dos nossos companheiros.

O companheiro João Peres teve a amabilidade de nos endereçar uma carta sugerindo que enviássemos uma carta aos editores solicitando a oferta de livros. A prova da sua boa vontade e interesse pelos nossos problemas está feita, mas esclarecemos que o pedir não é próprio de uma instituição como a nossa. Poderá um Grupo fazer pedidos deste género para os seus escoteiros, que, com isso, não ficam diminuídos, mas nós não o devemos fazer. Temos de impor o princípio de nos bastarmos a nós mesmos, através de todos os que são antigos escoteiros. A esses sim, pedimos e esperamos nisso ser atendidos.

Dos Açores, oferecido pelo companheiro Jacinto dos Reis Moniz Silva, recebemos o n.º 1 da revista «Atlântida», que muito agradecemos.

De volta de uma viagem por vários países da Europa, tivemos o prazer de abraçar o nosso companheiro Dr. Eugénio Henrique Ramos, relator do Conselho Fiscal, o qual, falando sobre o nosso Boletim, e no que nele leu sobre a nossa biblioteca, decidiu-se a oferecer a sua biblioteca escoteira, pois no seu dizer «a Biblioteca da Fraternal é a nossa Biblioteca». Esta oferta, de grande valor pelo número e qualidade dos livros de que é composta, mais valor assume pelo gesto desse nosso companheiro.

Também o nosso estimado companheiro e secretário do Conselho Nacional, António Xavier de Brito, já por duas vezes veio até nós trazer o seu contributo, para a nossa biblioteca, constituído por inúmeras revistas e por outros volumes, entre os quais destacamos vários dicionários.

Aos generosos ofertantes queremos-lhes dizer: bem hajam! Aos restantes, afirmamos que continuamos crentes de que o nosso apelo não foi feito em vão.

Almoço de Confraternização

tes antigos escoteiros: srs. Luís Grau Tovar de Lemos, Rui Gomes dos Santos, Manuel Alvim Leal, Rev. Eduardo Moreira, Luís Valente de Matos, José Miranda de Melo, Mário Pedroso de Lima, Afonso Reigosa, Joaquim Peyssonneau Nunes, Luís Simões Aurélio, Armando Jaime Soares e David Baudouin.

CONCURSO FOTOGRÁFICO

Graças à colaboração do nosso companheiro Cláudio Ranito Moreira, vamos poder organizar na nossa sede, no próximo outono, uma exposição de fotografias, quase na sua totalidade já premiadas em exposições nacionais e estrangeiras.

A referida exposição de arte fotográfica despertará certamente grande interesse em todos os antigos escoteiros.

Pensamos levar a efeito nessa mesma ocasião e em sala privativa, uma exposição de fotografias de um concurso que, entretanto, realizaremos entre todos os escoteiros do país. Esse concurso abrangerá três categorias, a descriminar no regulamento em elaboração e que brevemente publicaremos, bem como a lista dos prémios a atribuir. No entanto, e para já, é preciso que todos saibam da existência deste concurso.

Escoteiros, preparai as máquinas fotográficas e aproveitai a época que será fértil em motivos para os vossos instantâneos. A cena de um acampamento é uma imagem que jamais esquece. O regato, o pôr do Sol entre duas barracas emolduradas pelos pinheiros, o burrico pastando, a atrapalhação do *azelha* do Mário, acendendo a fornalha, são momentos, entre milhares, para as vossas fotografias.

Mãos à obra, perdão ... mãos às máquinas e ... zás!

Os nossos Companheiros

A partir do presente número, começamos a publicar a lista dos nomes dos nossos estimados Companheiros, inscritos como sócios da Fraternal:

1—Ernesto Clímaco do Nascimento
2—Albano da Silva
3—Eugénio Ribeiro Nunes
4 Júlio Leão de Almeida
5—Prof. Marcelo Caetano
6—António Gomes Vidal
7—Dr. Leopoldo F. Santos Figueiredo
8—Sigvald Wiborg
9 - António Gonçalves
10—Ferrer Segismundo Monteiro
11 - D. Maria Luísa Correia de Magalhães
13—Rui da Silva Paulo
15—Manuel Pereira da Costa Jor.
16—Otelo Henrique de Sousa
17 - José Manuel Alves de Sousa Melo
19 - Eugénio Carlos Pais da Costa
20 - José Vasques Filipe
21—Manuel Lopes Peixoto
22 - Luís Simões Aurélio
23—Eng.º José Maria Nobre Santos
24—Eng.º José Ferreira Amado
25 - José da Costa Ferreira Cardoso
26 - Vítor Manuel de Oliveira Nascimento
29—Alberto Teixeira Brás
31—Ernesto Bernardino Rola
32—José Maria Soares Fabião
33—Rui de Lima Gomes dos Santos
34—Ernani Salvador de Almeida Roque
36—Joaquim Gil Serras Pereira
38—Amílcar dos Santos Fernandes
40—Carlos Beleza Frias

(Continua)

RONDA DOS GRUPOS

Grupo n.º 84 — Depois de visitado o Grupo n.º 83, de Sintra, deveríamos agora visitar o Grupo n.º 84, de Entroncamento, o que não fizemos ainda por reservarmos essa visita para a data do seu aniversário, admitindo a possibilidade de organizar uma excursão por esse motivo.

Grupo 85 (Escoteiros Marítimos) — A próxima visita será, assim, ao Grupo n.º 85, no dia 2 de Julho, próximo, 4.ª feira, às 21 horas e 30.

O Grupo n.º 85 é o único de Lisboa do ramo marítimo, o que constitui já de si motivo de interesse para os nossos sócios nos acompanharem.

A sede está situada num dos pavilhões junto à doca de Belém (doca dos barcos de recreio), recomendando-se aos companheiros visitantes que atravessem a passagem de nível que dá acesso ao pontão de Belém.

Aguardamos a comparência do maior número de companheiros e muito principalmente dos que já passaram pelas fileiras do 85, pois «recordar é viver», como diz o ditado. Lá estaremos todos no dia aprazado.

O NOSSO BOLETIM

O aparecimento do primeiro número do nosso Boletim, foi saudado com satisfação por inúmeros companheiros.

De facto, a existência de um Boletim numa instituição como a nossa é indispensável, pois é o traço de união entre todos os antigos escoteiros, lembrando-nos de que fazemos parte da Fraternal e de que fomos um dia escoteiros. Por ele, tomaremos conhecimento de notícias daqueles «rapazes» de calções, rapazes hoje de cabelos brancos ou calvos, mais ou menos barrigudos, enfim, mas ainda «rapazes».

É indispensável que o nosso Boletim saia com regularidade, o que pretendemos se efectue de dois em dois meses, com muita pena de não poder ser mensalmente.

A existência do Boletim deve-se à boa colaboração do jornal «Sempre Pronto» e à bolsa de meia dúzia de companheiros, os quais tomaram a iniciativa da publicação dos seis primeiros números, ficando a continuidade da sua publicação dependente do interesse que todos os sócios da Fraternal possam vir a manifestar pela sua existência.

A parte financeira é a primeira dificuldade para muitos empreendimentos, e a receita da quotização da Fraternal não chega para a manutenção do Boletim.

Outra dificuldade é a colaboração, isto é, a falta de original, pois já ficamos sabendo quanto custa a uma só pessoa fazê-lo. Como é óbvio, não poderá continuar assim, pois corre-se o risco de o Boletim soçobrar.

Se julga a existência do Boletim interessante, não deixe de dar a sua colaboração... e alguns escudos.



Grupo n.º 6 — Olhão

Troféu «Antero Nobre» — As provas para disputa deste concurso, relativas ao ano passado, terminaram há pouco tempo e constaram de transmissões e recepções por homográfico, marcha de orientação através das Matas de Belomonte, Belamandil e Joinal, num percurso superior a 8 km., com 14 direcções diferentes e diversas pistas; prontos socorros (aplicações do lenço como ligadura, transporte de feridos e macas) e provas teóricas em duas séries de 15 perguntas cada. A nóvel patrulha «Leão», há pouco tempo ainda formada por aspirantes, ganhou todas as provas, classificando-se indiscutivelmente em primeiro lugar, seguida da «Andorinha». O comportamento desta recém-formada patrulha, durante o concurso, foi bem notável pelo esforço, boa vontade e persistência de todos os seus elementos que, mercê de trabalho constante e aturado, fizeram figura de destaque perante patrulhas mais antigas.

Concurso de Desenho — Realizou-se um concurso de desenho, aberto a todos os elementos do Grupo, para duas categorias: Iniciados e Principiantes. Cada concorrente teve que apresentar três desenhos ou pinturas, sendo um sobre um motivo escotista, outro sobre paisagem e o terceiro sobre assunto à escolha do concorrente. O prémio para a primeira categoria foi alcançado pelo escoteiro da Patrulha «Andorinha», Manuel Silvestre Correia. Na segunda distinguiram-se os seguintes: José Jerónimo, Luciano Peão e Henrique Coelho. Os dois primeiros, da Patrulha «Leão» e o último, da «Galo».

Espeleologia — Numa excursão de estudo, de parte do Grupo, ás furnas da Palhagueira, estas foram exploradas sob a direcção do Chefe do Grupo, durante 3 horas. Todavia a exploração não foi completa. Tiraram-se várias fotografias que mostram o deslumbrante efeito de brilhantes estalactites e estalagmites em certas «salas».

Dia de S. Jorge — A grande data do Escotismo—o Dia de S. Jorge — foi comemorada por este Grupo com actividades de ar livre que duraram de 23 a 27 de Abril.

Na tarde do Dia de S. Jorge, as patrulhas transportaram o seu material para o campo de jogos do Grupo e, aí, começaram a montar os seus subcampos. Pelas 22 horas, realizou-se um «Fogo de Conselho», durante o qual o Chefe do Grupo descreveu a figura de S. Jorge. Não estiveram presentes a este «Fogo» quaisquer pessoas estranhas, pois destinava-se à comemoração íntima do Dia.

Durante os dias 24, 25 e 26, esteve sempre montado o acampamento, pernoitando nele quase todos os escoteiros do Grupo que, durante as tardes dos mesmos dias, foram trabalhando nas instalações e ornamentações. Todas as noites houve pequenos «Fogos de Conselho».

Na noite de 26, sábado, realizou-se então o grande «Fogo de Conselho» dedicado às famílias dos escoteiros, simpatizantes do Escotismo e convidados especiais. Decorreu bastante animado e perante assistência numerosa.

Na manhã de domingo, procedeu-se à cerimónia de içar as bandeiras.

Pelas 4 horas da tarde, foi aberto o campo ao público e um júri formado pelo antigo escoteiro Mário Rosendo Quintas, pelo grande entusiasta do Escotismo, Sr. Carlos da Silva Bentes (pai) e pelo Chefe do

(Conclui na página 6)

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

IV

A questão Dreyfus indignou todo o mundo civilizado, mas, por estranho que pareça, em alguns dos países onde a indignação se fez sentir começou a esboçar-se crescente animosidade contra os Judeus. E assim, o velho ódio secular ao Judeu voltou a manifestar-se por mil-e-uma formas, grotescas umas, odiosas outras.

Levantando-se no fim do século passado contra os Judeus, a França parecia renegar toda a obra construtiva da Revolução, que inscrevera no seu lábaro as três palavras que deram a volta ao mundo: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. E no solo francês, apesar de os Franceses se proclamarem uma Democracia e se orgulharem de que a Bandeira Tricolor tivesse levado a Liberdade a toda a Europa, viu-se o recrudescimento do velho ódio medieval, da forma indigna que narrámos.

Mas foi na Alemanha, logo a seguir à Rússia czarista, que a perseguição tomou aspectos mais típicos e mais odiosos.

Vencida numa guerra que desencadeara por ambições de domínio sob a hegemonia da Prússia militarista onde reinava um melagómano espectacular, a Alemanha convenceu-se de que todo o seu mal se devia aos Judeus que eram a causa da sua derrota. E foi este o *leit motiv* que criou o estado de espírito favorável à difusão das doutrinas abstrusas, ridículas ou simplesmente ignóbeis do *Mein Kampf*, o livro que o austríaco Adolf Hitler atirou ao mundo e veio a ser a semente que, germinando, havia de provocar a mais espantosa guerra de todos os tempos.

Alçado ao poder por forma que ainda hoje não se esclareceu inteiramente, firmado nele mercê de violências inenarráveis exercidas até sobre os seus próprios partidários e mais directos colaboradores, possuído dum misticismo que tem sido a característica inconfundível de todos os ditadores do nosso século e que, por fenómeno de contágio mental, cria adeptos fanáticos, capazes de todos os sacrifícios, Hitler, abraçando as doutrinas do «filósofo» oficial do Nacional Socialismo—Alfredo Rosenberg—declara a guerra aos Judeus, proclamando a superioridade da raça ariana (um entre tantos outros mitos trágicos do nosso tempo) de cujos caracteres típicos os seus próprios caracteres somáticos divergiam profundamente. Estavam lançadas as bases do Racismo, uma das grandes heresias deste século e aquela que mais vítimas originou.

Em nome da pureza da Raça Ariana se expulsaram judeus dos lugares que haviam ocupado legalmente, se desalojaram das suas próprias moradas, se obrigaram a fugir da terra alemã que os seus antepassados tinham ocupado desde tempos remotos. O fanatismo dos sectários do Nacional Socialismo atingiu então o paroxismo com o ódio irracional a tudo quanto era judeu ou aos perseguidores o parecia, e principiou o êxodo dos mártires desta perseguição a que, em pleno século XX, assistiu o mundo inteiro sem mais fazer em benefício dos perseguidos além de acolhê-los.

O *Anschluss* estende à hospitaleira Áustria a rede da perseguição das SS e da Gestapo, e às melodias trinadas das canções tirolesas e à modulação alada das românticas valsas de Strauss sucede o bater cadenciado dos sapatos ferrados das brigadas de choque e os cantos bárbaros dos Camisas Castanhas, a esmagar o coração ainda palpitante desse grande pequeno homem que foi o chanceler Dollfuss. Por toda a Áustria só se ouve o bárbaro gargantear dos novos invasores e ali, na pátria de João Huss e da varonil Maria Teresa, começa a perseguição odiosa ao Judeu. Da Alemanha já tinham fugido Thomas Mann e o sábio Einstein; da Áustria foge agora Sigmund Freud. Entre o Vístula e o Reno a vida tornara-se impossível aos Judeus e a quantos eram ciosos da sua dignidade de homens livres.

Mas nem todos os judeus puderam deixar a terra maldita: muitos continuaram exilados na terra natal, ou escondendo a sua qualidade de judeus, ou ocultando-se conforme podiam, para fugir à terrível Gestapo e às suas torturas inconcebíveis, que faziam empalidecer as da Inquisição peninsular.

O deflagrar da guerra veio agravar a triste sorte dos Judeus, atingindo a perseguição requintes de barbaridade sádica inacreditáveis com o decurso do tremendo conflito. E à medida que prosseguia o avanço sistemático dos Aliados no derrubar do bloco alemão com a sua tenacidade anglo-saxónia, vão os Alemães redobrando de crueldade na perseguição aos Judeus. Todo o diário da pequenita Ana Franck é uma página, triste página, dessa odisseia dolorosa desta fase da Diáspora.

(Conclui na página seguinte)

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(Conclusão da 5.ª página)

Atirados em massa, como gado para abater, para os campos de concentração, servem aí os perseguidos de cobaias às mais espantosas experiências, enquanto são sistemàticamente submetidos a constantes maus tratos que os vão dizimando conjuntamente com as epidemias que as péssimas condições higiénicas dos campos provocam. Às câmaras de gás — novos autos-de-fé aperfeiçoados por uma ciência amoral—são levadas famílias inteiras, enquanto as mulheres, por vezes ainda impúberes, servem para nelas cevarem a sua luxúria estes bárbaros ultra-civilizados! Recusa-se a pena a descrever tudo quanto se revelou nesse trágico julgamento de Nuremberga, digno epílogo do longo drama iniciado em 1933 com o advento de Hitler ao Poder!

E quando esse povo admirável, cujos defeitos evidentes têm sido resgatados pelo seu sofrimento secular, voltou — enfim! — a essa Terra Prometida das Escrituras, e parecia ser de esperar uma unanimidade plena de todos os povos que vivem à superfície da Terra, vê-se, com surpresa, que são os árabes do Egipto e da Síria, seus irmãos de raça, quem se levanta para lhes fazer guerra mortífera, e dali os desalojar.

A despeito dos progressos da educação e das conquistas espirituais do Homem, a Europa não pôde despojar-se definitivamente desse substrato de intolerância que os séculos cimentaram na sua alma. No fundo do coração de cada europeu encontra-se latente a aversão pelo Judeu: basta uma pequena chispa para transformar essa aversão em ódio. É isto que explica as hesitações, tergiversações e condescendências das nações perante os agressores atrevidos.

Apesar da doutrinação dos filósofos, da acção dos educadores e da de tantos santos e homens piedosos de todas as confissões, não foi possível ainda arrancar do coração dos homens as ervas daninhas que a ele se prendem como ventosas de polvo à carne do náufrago. O Mal continua a ser a lei da Vida. Hoje como há 2 mil anos, têm actualidade as palavras do poeta: *Homo homini lupus.* Cada vez mais é o Homem o lobo do Homem, sentindo requintes de sádico deleite em perseguir o seu semelhante. Mas como a parte racional do seu ser lhe diz que tal é crime, eis que ele cria mitos que possam justificar esse crime. Na Idade Média o Judeu foi perseguido em holocausto ao mito da maldição de Jesus sobre o Povo Eleito; no nosso século foi o Racismo, que fundamentou as maiores sevícias que jamais se viram feitas por homens contra os seus semelhantes.

E que tal ódio de raça não desapareceu neste meado do século XX — este século XX em que tantos espíritos generosos do século XIX puseram as suas cândidas esperanças—, prova-o essa outra vergonha da centúria — a Segregação Racial — que se não faz já contra o Judeu simplesmente, mas atinge principalmente o Negro.

O Mundo ameaça tornar-se, assim, uma espécie de jangada da *Medusa*, em que os que vivem à superfície da Terra sentem prazer em se entredevorar ou, melhor dito, em devorar aqueles a quem odeiam. Como é isto possível depois da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão?

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

DE "MAU-MAU" A ESCOTEIRO

Quatro rapazes africanos, que estão internados numa escola do Quénia para reabilitação, depois de terem sido seguidores do «Mau-Mau», ganharam a insígnia de «Escoteiro da Rainha», ou seja, a categoria equivalente à nossa «Escoteiro da Pátria».

O Escotismo está tomando uma grande parte nesta escola na reabilitação de antigos jovens delinquentes. Muitos dos rapazes da escola têm de 11 a 18 anos e operaram como chefes da «Mau-Mau».

Um rapaz, que é agora Guia de Patrulha no Grupo de Escoteiros da Escola, admite ter sido um mensageiro «Mau-Mau» durante o massacre de Lari, no qual mais de 100 homens, mulheres e crianças kikuyu foram assassinados.

A Escola Wamumu está a cerca de 50 milhas de Nieri onde o Fundador está sepultado. Os rapazes, em virtude da importância que a Escola concede ao treino Escoteiro, são muito procurados pelos comerciantes e industriais que precisam de pessoal.

De «*World Scouting*»

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

(Conclusão da 5.ª página)

Grupo, procedeu à classificação dos subcampos das patrulhas, tendo o resultado sido: Patrulha «Leão», em primeiro lugar, seguida da «Galo», «Águia» e «Andorinha».

Seguiu-se uma pequena festa de campo, de cujo programa faziam parte demonstrações de jogos escotistas, entrega de vários prémios a escoteiros e patrulhas, a Promessa do novo lobito Manuel de Sousa Gago e a cerimónia de arrear as bandeiras. — *C.*

Grupo nº. 77 — Faro

Este Grupo da Capital algarvia realizou no dia 4 de Maio passado um bivaque no sítio do Montenegro e, no dia 11, fez o primeiro acampamento desta época no Pinhal da Arábia, onde os escoteiros prestaram provas de classe. — *C.*

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS

QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



História do Reizinho Vaidoso

(Conclusão da 3.ª página)

E o rei, feliz, regressou ao palácio, correu à prisão onde estava o rapaz e abraçou-o, dizendo:

— Obrigado! Graças a ti encontrei a beleza que ambicionava. Graças a ti serei um belo rei e, mais do que isso, um rei extraordinário.

Depois, deu a liberdade ao rapaz e uma grande fortuna, como recompensa.

E o reizinho nunca mais foi vaidoso.

• • o • •

PARA OS LOBITOS

A ADMISSÃO NA ALCATEIA

A criança para entrar na Alcateia deve preencher as seguintes condições:

1.º — Ter a idade mínima de 6 anos de idade (a partir dos 11 entra directamente na divisão seguinte).
2.º — Ter autorização escrita dos pais.
3.º — Assistir pelo menos a quatro reuniões.

O GUIDISMO E A FAMÍLIA

Excerto da tese apresentada pela Guia-Chefe D. Maria Hermínia Vieira Pinto à III Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos

Embora o tema seja um tanto ou quanto profundo para poder ser desenvolvido por mim, vou, dentro da minha própria experiência, expôr algo do que se me oferece a este respeito.

O Guidismo e a Família, duas coisas perfeitamente distintas e diferentes em si, estão ligadas completamente pelo interesse e valor de que se revestem, devendo ser estudadas e compreendidas dum modo especial, visto que todos os problemas das raparigas, sejam de que espécie forem e nas mais variadas circunstâncias, embora caibam na maior parte à Família, também o Guidismo tem neles a sua grande importância.

Vamos pensar agora que todas estas raparigas, enquanto dedicam as horas necessárias a este movimento, abandonam por completo ou em grande parte as suas obrigações no lar, ou trocam pelo Guidismo as horas que poderiam estar em casa observando e aprendendo com as mães toda a vida duma boa dona de casa, valor primordial na vida de uma mulher?! Se assim pensamos, como se justifica um dos fundamentos principais da Lei das Guias: «A GUIA TEM COMO PRIMEIRO DEVER O SEU LAR». Se o próprio Guidismo exige o cumprimento deste mandamento pondo-o em lugar de destaque nos fundamentos principais, não se poderá compreender como muitas Famílias privam as suas filhas de ingressarem neste movimento, levadas pelo receio de se poderem perder nas actividades e esforço que o mesmo carece e exige, sem compreenderem que a rapariga no Guidismo tem uma Escola que ensina a amar a Deus, a Pátria e o Lar. Podemos acrescentar ainda que muitas dessas famílias facilitam a entrada das suas educandas no movimento só porque pensam ser um meio agradável pelo qual elas podem, distraindo-se, recompensar o esforço físico e intelectual dispendido com os estudos ou o emprego.

Surgem, no entanto, problemas de características diferentes que, contudo, devem e têm de ser tomados em consideração, visto que eles são muitas vezes o meio pelo qual se conhece cada rapariga. Compreendemos que todas têm problemas gerais e particulares das mais variadas espécies que, à primeira vista, parecem, para o nosso movimento, problemas de ordem secundária que só convém considerar em segundo plano. No entanto, o valor que têm merece especial e inteira atenção das Chefes mesmo que estas se tenham de afastar, por vezes, do objectivo e torná-los particulares, procurando ajudar a resolvê-los sem se julgarem Chefe e Guia, mas sim duas irmãs, cuja Chefe seja a irmã mais velha, a conselheira, e a confidente, sempre compreensiva e pronta a indicar o melhor caminho.

Estes casos têm, principalmente, origem no ambiente familiar e nas dificuldades que o cerca. As raparigas nestas circunstâncias são ainda as que devem ser consideradas em primeiro lugar, pois para elas a vida tornou-se mais difícil e anseiam por isso um ambiente que lhes proporcione o bem que as suas vidas pedem e a confiança que os seus corações exigem. A revolta dos seus espíritos manifesta-se no íntimo contacto com as suas camaradas ou com quem convivem assìduamente. Daqui nascem as atitudes impróprias entre umas e outras, porque o espírito está impaciente. Que faremos nestes casos? Está, pois, da parte da Chefe, conhecer concretamente o ambiente e dificuldades da família para poder assistir-lhes com o carinho e absoluta compreensão. Temos de aceitar que ela não pode gozar uma felicidade e bem estar como outras em circunstâncias diferentes. Culpá-la-emos do estado de espírito em que se encontra obrigando-a a conjugar com as camaradas sem mostrar, primeiramente, um sincero e convicto interesse por ela, aliviá-la e levá-la a pouco e pouco ao mesmo nível de ambiente das outras? Não, porque ela não é culpada e, por esse motivo, devemos estudar e atender os seus casos mesmo que estes sejam de ordem íntima.

Reconhece-se também o interesse de conhecer o nível de cultura e educação que a Guia goza no próprio Lar, auxiliando a Chefe a saber até onde podem chegar as raparigas que dirige, dentro destes aspectos, procurando modelar-lhes o carácter consoante as suas necessidades. A vantagem será grandemente progressiva se ela souber falar e actuar com todas em geral e com cada uma em particular, transportando-as à igualdade de ideais; conhecendo-se todas como filhas da mesma Família e possuidoras da mesma educação. Se compartilharmos das suas alegrias, tristezas e anseios de forma que elas vejam a irmã mais velha, mais experiente e mais conhecedora, embora sempre superior, deixando-nos transportar a cada uma das suas idades, colocando-se nas mesmas circunstâncias, encontraremos palavras e acções, mais fàcilmente, para cada caso que se nos apresente; o desenvolvimento progressivo entre a Família e o Guidismo, verificar-se-á. Influenciar a Família a contribuir com a sua parte e o apoio moral, facilitará, de certo modo, as actividades da Companhia.

As considerações citadas atrás, são exemplos bastante elucidativos dos benefícios a alcançarmos das relações entre o Guidismo e a Família. Este objectivo pode resumir-se em três pontos fundamentais que consideraremos ligeiramente:

1.º — Qual o ambiente educativo.
2.º — Nível de dificuldades morais e materiais.
3.º — Grau de intelectualidade.

Estes três pontos, embora nos pareçam indiferentes e de consideração secundária, constituem o básico valor para o facto de melhor se conhecer a Guia e mais amplamente conduzi-la ao objectivo, moral e intelectualmente. Deixemos a formação física mais entregue ao Guidismo em si.

Primeiro: — Se conhecermos o ambiente familiar sob o ponto de vista educativo, poder-se-á encontrar directamente os meios convenientes a adoptar para que ela se sinta admoestada sem melindre, ao mesmo tempo auxiliando-a a enveredar pelo caminho que a transporte ao nível que desejamos.

O segundo ponto: as dificuldades morais e materiais, abrangem largas características e a sua acção poderosa é abundante em influência no desenvolvimento geral do Grupo. Citaremos os aspectos gerais para os quais nos colocaremos nos caminhos mais propiciosos que combatam directamente as desvantagens que delas advêm.

Assim, as dificuldades financeiras da Guia contribuem bastante para dificultar a sua vida no movimento guidista, visto que não se encontra ao alcance de corresponder às exigências e necessidades que a Companhia carece. Se ela não está em condições de poder satisfazer tais necessidades, temos um problema a considerar, resolvendo-o de forma que a mesma se

(Conclui na página seguinte)

O GUIDISMO E A FAMÍLIA

(Conclusão da página 7)

coloque ao lado das camaradas sem complexos de inferioridade.

Para criar este ambiente, um pouco difícil mas benéfico, deve ter-se em atenção que as Guias dentro do Grupo são todas iguais e convém exortá-las para que os problemas particulares das suas companheiras sejam encarados com benevolência e todas trabalhem em causas cujas verbas reverterão a favor das Guias com mais dificuldades financeiras. Os meios a empregar neste caso são tão diversos que não vale a pena citá-los, mas deixá-los-emos entregues aos cuidados e às perspectivas das Companhias. Estou certa de que nem uma só deixará de corresponder e compartilhar do mesmo espírito de fraternidade.

No aspecto moral quantos problemas se encontram? Mesmo que o ambiente educativo seja positivo, pode faltar o necessário apoio moral, isto é, cada rapariga, com os seus problemas diferentes, não encontra no Lar o nível moral que a compreenda, e o receio de expôr esses mesmos problemas surge precisamente porque teme as reacções que possam daí advir.

Nesta faceta tão importante, o maior carinho e interesse deve ser-lhe dado, evitando o desiquilíbrio moral na incompreensão que o Lar lhe oferece.

Este estudo tem tanto de vasto que difícil é para que eu própria o explique. Em todo o caso convém frisar que o apoio moral é uma muralha poderosa para a boa formação de caracteres, evita perplexidades, que resolvidas individualmente, podem trazer graves consequências. Podem, porém, surgir casos mais complexos neste aspecto, mas que não interessa evidenciar, dado que considerados raros no nosso objectivo, será preferível serem tratados e resolvidos particularmente para defesa da dignidade da rapariga vítima de tais casos.

E por último, verifiquemos o terceiro ponto: o aspecto intelectual, embora de mais fácil consideração em virtude de haver, geralmente, uma perfeita comunhão dos pontos citados atrás.

Se a Guia, no próprio Lar, goza de um ambiente de bom nível intelectual ou se ela própria está, pelo estudo, cultivando a intelectualidade, mais rápido progresso terá na vida Guidista. Todas as que estão neste caso, dispensam em parte a preocupação constante da Chefe nos aspectos evidenciados, visto que estão mais aptas a conhecer as boas regras em que devem viver.

Esclareçamos agora duas características importantes e frequentes nas vidas das Companhias dentro desta faceta. Por exemplo:

Quando temos duas raparigas com graus de intelectualidade diferentes, a que está mais desenvolvida acha-se com direito a lugares de destaque dentro do Grupo, mesmo que os seus conhecimentos técnicos não estejam aperfeiçoados ou não sejam completos. Este facto, que se verificará com vulgaridade, tem de se fazer compreender às próprias Guias, esclarecendo-as de que a razão desta merecer mais insígnias do que aquela, ou subir de pontos, se justifica pelas provas que tem prestado.

Se a esta pode ser mais fácil o conhecimento técnico do movimento, a outra, porém, tornar-se-á ainda melhor se a força de vontade a impulsionar ao conhecimento técnico profundo e bons métodos de trabalho dentro do Grupo. As suas provas podem ter sido mais satisfatórias e o seu trabalho mais eficiente. Se todas as Guias estiverem preparadas para compreender estes casos, aceitarão a situação convictamente dispensando-lhe merecida justiça. Pode até servir de estímulo para as Guias.

Neste ponto também a Família deve estar preparada para evitar que ache injusto o lugar daquela, só porque a sua educanda tem melhor intelectualidade e está mais apta a desempenhá-lo.

Estes exemplos, extraídos em grande parte da própria experiência, elucidam-nos quanto às vantagens que a união do Guidismo com a Família pode trazer-nos, reconhecendo-se que:

a) — Deve conhecer-se o ambiente familiar sob todos os pontos de vista e individualmente.

b) — É conveniente que pelo menos uma vez por ano e àparte manifestações oficiais se reunam as famílias para íntimo contacto com o movimento, estimulando-as com uma mensagem especialmente preparada para elas.

c) — Recomenda-se que uma ou duas actividades no campo, anuais, incluam especialmente um convite às Famílias, dando-lhes a oportunidade de conhecerem mais de perto o trabalho no campo.

Deste modo o Guidismo transformar-se-á no poderoso alicerce para unir a Igreja à Pátria e ambas à Família, conhecendo-se nele a Escola que ensina um dos caminhos mais rectos para amar e servir a Deus, a Pátria e o Lar.

Lisboa, 30 de Março de 1958.

MARIA HERMÍNIA VIEIRA PINTO

JOGOS

(Conclusão da 4.ª página)

trulhas, que destacaram alguns dos seus membros para «espias», ficando o Guia, só ou acompanhado por mais um ou dois escoteiros, no acampamento ou na sede. A tribo dos «Falcões Audazes» é constituída pelos escoteiros das restantes patrulhas, chefiados pelo Guia que tem mais tempo de serviço.

O dirigente do jogo, que será o Escoteiro-Chefe, entregará a «mensagem secreta» aos «Águias Velozes», que devem estar dirigidos pelo Subguia. A mensagem pode ser disfarçada, escondida, mas sòmente na roupa exterior: chapéu, camisa, lenço, cinto, meias, sapatos, e terá de ser constituída por uma folha de papel formato comercial.

Os «Falcões Audazes» cercarão o Acampamento (ou a Sede) não lhes sendo permitido aproximarem-se menos de 250 m. do acampamento. Se o número de escoteiros for grande, este espaço neutro será aumentado na proporção.

Os «Águias Velozes» tentarão transpor o cerco e levar a mensagem ao seu Chefe. Para isso, poderão usar de todos os disfarces, mas não lhes será permitido despir o fardamento, que pode no entanto ser ocultado. Os «Falcões» «prenderão» todos os «Águias» a que puderem deitar a mão e a estes, depois de considerados prisioneiros, não será permitida a fuga. Contudo, se possuírem a mensagem e esta não tiver sido descoberta poderão passá-la a outro mensageiro.

O jogo terá um tempo de execução marcado e será ganho pela «tribo» que tiver alcançado o seu objectivo: Transmitido a mensagem ao Chefe dos «Águias Velozes» ou se tenha apoderado dela.

Se, no final, o «Águia» que possuir a mensagem não tiver ultrapassado o cerco, o jogo considera-se ganho pelos «Falcões». Se o mensageiro tiver sido preso por estes, mas a mensagem, escondida dentro das regras, não lhe for encontrada, ganham os «Águias».

* * *

Este jogo admite muitas variantes, que dependem da imaginação do Dirigente. Podem ser utilizados sistemas de sinalização, desde que se modifiquem também as regras.